



CONCOURS CENTRALE-SUPÉLEC

Portugais

MP, PC, PSI, TSI

2018

4 heures

Calculatrices interdites

L'usage de tout système électronique ou informatique est interdit dans cette épreuve.

Rédiger en portugais et en 500 mots une synthèse des documents proposés, qui devra obligatoirement comporter un titre. Indiquer avec précision, à la fin du travail, le nombre de mots utilisés (titre inclus), un écart de 10% en plus ou en moins sera accepté.

Ce sujet propose les 5 documents suivants :

- un dessin humoristique ;
- deux textes d'opinion publiés dans un journal portugais et un brésilien ;
- un extrait de la déclaration universelle des droits de l'homme ;
- la présentation de la campagne menée au Portugal « E se fosse eu ? ».

L'ordre dans lequel se présentent les documents est aléatoire.



VASCO GARGALO (cartunista português), *Imigrações*, 24 de fevereiro de 2017

Índios em Lisboa, ou o começo de outra história

ALEXANDRA LUCAS COELHO, 27 de Fevereiro de 2017

Ali entre o Intendente e o Martim Moniz, onde Lisboa é menos branca do que nunca, há uma presença rara até Abril. O Arquivo Fotográfico Municipal acolhe um vislumbre do trabalho monumental de Claudia Andujar com os índios yanomami. Não é igual ver estas fotografias em qualquer outra parte do mundo e em Lisboa. E, de algum modo, este tempo sombrio do mundo talvez seja a altura para começar, enfim, outra história. Uma história em que os índios serão brancos quando os brancos forem índios.

Os yanomami são um povo de caçadores-recolectores e agricultores que habitam um pedaço da floresta tropical da Amazônia com cerca de 230 mil quilómetros quadrados, entre o sul da Venezuela e o noroeste do Brasil. Para dar uma ideia da escala, Portugal não chega a 100 mil quilómetros quadrados, mais ou menos a área dos yanomamis só em território brasileiro. No Brasil, estão identificados pouco mais de 20 mil, divididos em 260 comunidades. Os primeiros contactos esporádicos que tiveram com os brancos, missionários católicos e evangélicos, aconteceram há cem anos. Esse embate trouxe as primeiras epidemias que os começaram a abater. Nas décadas seguintes vieram as aberturas de estradas, os milhares de garimpeiros das corridas ao ouro, a razia da indústria mineradora. O céu dos deuses encheu-se de fumo de máquinas voadoras, as árvores desapareciam a grande velocidade, a água tornou-se venenosa, os índios morriam de sarampo, ficavam paralisados. Foi um fim do mundo, do ponto de vista de quem há séculos morava na floresta, da floresta, com a floresta.

Em 1955, uma jovem chamada Claudine Haas radicou-se em São Paulo. Nascida em Neuchâtel, era filha de mãe suíça protestante e pai judeu húngaro. A família do pai fora levada para campos de concentração nazis, ela fugira com a mãe. Morara um tempo em Nova Iorque e depois veio para o Brasil, onde se dedicou à fotografia, assinando Claudia Andujar. Em 1972 começou a trabalhar com os yanomami. E assim foi ao longo dos 40 anos seguintes: fotografou as casas, a relação com a terra, os rituais religiosos xamânicos; testemunhou os conflitos causados pela invasão dos brancos; fez retratos individuais dos indígenas para os registos de vacinação. Essa longa relação está documentada em cerca de 10 mil fotografias. Em 2015, um dos maiores acervos de arte contemporânea da América Latina, Inhotim, inaugurou um pavilhão para alojar

uma parte desse trabalho, 500 imagens. Claudia trabalhou com Inhotim durante cinco anos na selecção e montagem do que ficaria exposto. E foi a partir desse espólio que foi feita uma selecção para Lisboa — Capital Ibero-americana da Cultura. [...]

Entre os yanomami fotografados por Claudia está Davi Kopenawa, um xamã que se tornou uma voz internacional não apenas do seu povo mas da floresta amazónica. [...]

Aquilo que os brancos há séculos se habituaram a guardar em arquivos, antes de papel, hoje digitais, os ameríndios guardam na memória. Por isso Kopenawa diz que os brancos têm “a cabeça cheia de esquecimento”. Milhões de pessoas, milhares de línguas, todo um extermínio que os brancos enterraram numa nuvem. [...] O que as palavras de Kopenawa fazem é iniciar essa outra história possível: desde o ponto de vista da criança yanomami que ele era quando pela primeira vez viu brancos, “o povo da mercadoria”. Ele conta: [...] “Tinham uma aparência horrível. Eram feios e peludos. Alguns eram de uma brancura assustadora. [...] Eu tinha medo até da luz que saía de suas lanternas. Mas temia ainda mais o ronco de seus motores, as vezes de seus rádios e os estampidos de suas espingardas.” Eram os garimpeiros, aos milhares, que invadiam a terra yanomami. “Tive medo mas minha raiva foi mais forte.”

Quando cresceu, Kopenawa ouviu falar de uma estranha coisa, essa história de quem tinha descoberto aquela terra onde os seus antepassados já moravam. “Contam os brancos que um português disse ter descoberto o Brasil há muito tempo. Pensam mesmo, até hoje, que foi ele o primeiro a ver nossa terra. Mas esse é um pensamento cheio de esquecimento! *Omama* nos criou, com o céu e a floresta, lá onde os nossos ancestrais têm vivido desde sempre. Nossas palavras estão presentes nesta terra desde o primeiro tempo [...]. [Os brancos] chegaram como visitantes! Porém logo depois de terem chegado não pararam mais de devastá-la e de retalhar sua imagem em pedaços, que começaram a repartir entre si.” Com tal cobiça, avisa, que ainda vão arrancar do solo as raízes do céu. É isso que o faz falar para aqueles que sempre querem mudar os outros porque não os reconhecem: “Só podemos nos tornar brancos no dia em que eles mesmos se transformarem em yanomami.”

Brasil, país de diversidade, acompanha horrorizado as manifestações de xenofobia contra os médicos cubanos, senegaleses e haitianos

São chocantes os relatos de levas e levas de pessoas buscando a Europa em fuga de seus países de origem [...] O Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) calcula em 200 mil o total de pessoas que entrarão na Europa este ano e em 250 mil a previsão para 2016. Um número impressionante, mas pequeno se comparado aos cerca de 50 milhões de indivíduos que deixaram a Europa entre 1800 e 1914 – média de 440 mil por ano. A diferença é que enquanto estes moviam-se precária mas organizadamente em direção à América, Austrália e África do Sul, os novos imigrantes tentam desesperados vencer barreiras naturais, como o mar, ou imaginárias, como as fronteiras, correndo risco de perder a vida, único bem que possuem.

Os sírios, principal grupo a bater às portas dos países europeus, tentam escapar de uma guerra que já dura quatro anos e causou a destruição da infraestrutura do país, provocou cerca de 220 mil mortes e o deslocamento de quatro milhões de pessoas de um total de 17 milhões de habitantes. Em nome do equilíbrio político regional, os governos ocidentais sempre ignoraram as denúncias contra as arbitrariedades praticadas pelo ditador Bashar al-Assad, filho de Hafez al-Assad, que manteve-se no poder por 30 anos. Em 2011, aproveitando-se da guerra civil iniciada logo após a repressão brutal do exército aos protestos da Primavera Árabe, o Estado Islâmico desencadeou uma ofensiva, a partir do Iraque, apropriando-se pouco a pouco de vasto território sírio, onde impõe o direito islâmico que regula todas as atividades cotidianas. Entre a ditadura cruel de al-Assad e a violência da sharia os sírios prefe-

rem desafiar a morte no mar ou dentro de caminhões sem ventilação.

É também em retirada de regiões conflagradas que afegãos e paquistaneses chegam à Europa. [...]

As cenas de frágeis barcos rebocados em alto mar ou de centenas de pessoas amontoadas em improvisados campos de refugiados causam indignação, insuflam a solidariedade e obrigam as autoridades a tomar atitudes para a resolução do problema. Por outro lado, a chegada de milhares de imigrantes muçulmanos, negros e ciganos vem aumentando o sentimento xenóforo de parte da população europeia [...] Diante da crise econômica, que parece global, os fascistas e neonazistas vêm ampliando o espaço político na Europa, notadamente na Alemanha, Áustria, França, Suécia, Grécia, Itália e Irlanda.

É curioso, porque justamente a Alemanha, o Império Austro-Húngaro, a Itália, a Irlanda e a Suécia despejaram, no século XIX, milhões de camponeses esfomeados para fora de suas fronteiras, o que provocou um reequilíbrio demográfico, possibilitando o reerguimento econômico no século seguinte. Estes, que deveriam ser os primeiros a abrir as portas para os estrangeiros, veem em uma dimensão cada vez mais larga crescer o preconceito étnico e religioso. Aliás, de forma patética, algo semelhante começa a ocorrer no Brasil. País de diversidade étnica, acompanhamos horrorizados as manifestações explícitas de xenofobia e racismo contra os médicos cubanos e mais recentemente contra senegaleses e haitianos. Onde vive o ser humano, mora a estupidez.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Artigo XIII

1. Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
2. Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV

1. Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
2. Este direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos objetivos e princípios das Nações Unidas.

O que é ser refugiado? O que se sente quando se tem de partir e deixar tudo para trás? O que levar quando se foge da guerra? O que colocar na mochila? A 6 de abril, os alunos do Ensino Básico e Secundário podem pensar nestas questões. A campanha “E se fosse eu?” desafia os estudantes a colocarem-se no lugar de um refugiado e a decidirem o que levariam consigo se fossem obrigados a fugir da guerra. A iniciativa, lançada no Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, parte da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR), da Direção-Geral da Educação, do Alto-Comissariado para as Migrações e do Conselho Nacional da Juventude. Todos podem pensar no assunto. Todos podem participar nas suas escolas.

[...]

Segundo Rui Marques, esta campanha tem uma “dimensão importantíssima de educação para a cidadania

e de perceber que nenhuma comunidade e nenhum país estão isentos do risco de poder, um dia, ter uma situação de conflito, de crise e ser obrigada a fugir”. “É um exercício de educação para a cidadania, mas também um exercício de mobilização dos jovens para esta causa do acolhimento e integração dos refugiados”, acrescenta.

O vídeo da campanha mostra gente de carne e osso que teve de fugir do seu país e que conta o que colocou na sua mochila. A iniciativa inspira-se, aliás, no projeto What’s in My Bag promovido pelo Rescue Comitee em colaboração com o fotógrafo Tyler Jump que, na ilha de Lesbos, na Grécia, fotografou pessoas que fugiram da guerra e que revelaram o que puseram nas suas mochilas. [...]